

# **Santificação dos corpos: As práticas de mortificação no Opus Dei**

Avance de investigación em curso

GT 21 – Sociologia da Religião

Asher Grochowalski Brum Pereira  
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP  
Bolsista FAPESP

## **RESUMO:**

O objetivo do trabalho proposto é criar uma discussão em torno das práticas de mortificação corporal articuladas pelo Opus Dei. Através da análise de entrevistas que realizei, de livros e de documentos internos da instituição, demonstrarei como essas práticas disciplinares de poder, através da submissão dos corpos, surgem como legítimos processos de criação de sujeitos e subjetividades. Desse modo, parto da hipótese de que as práticas disciplinares de mortificação ocupam um lugar central na criação desses sujeitos por meio da articulação das experiências afetivas de sofrimento e culpa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Opus Dei; mortificação corporal; práticas disciplinares.

## **INTRODUÇÃO**

A mortificação é a forma como os cristãos podem compartilhar do sofrimento redentor de Cristo no Calvário. Para o pensamento cristão, Cristo redimiu o mundo do pecado através do seu sofrimento voluntário na cruz. Por conseguinte, a mortificação é sofrimento voluntário; é a forma de compartilhar do sofrimento de Cristo para redimir o mundo. Essa concepção sofisticada de sofrimento é amplamente difundida nos Centros do Opus Dei, tanto entre seus membros quanto entre os frequentadores. Desse modo, mortificar-se é, desde se negar a comer uma coisa que lhe dá prazer, até autoflagelar-se. Compartilhar do sofrimento de Cristo através da mortificação, por amor a Ele e ao mundo criado por Deus, é buscar a santidade no dia a dia, no meio do mundo secular, no ambiente de trabalho ou de estudo. Assim como Cristo redimiu o mundo através do seu sofrimento, também cada pessoa, em sua atividade cotidiana, pode santificar o mundo, mortificando-se e oferecendo um trabalho bem feito a Deus. Negando a si mesmo pela mortificação, o homem torna-se instrumento perfeito de Deus para agir no mundo, santificando-o.

A mortificação, fundamentalmente, trata-se de prática e controle sobre o corpo – disciplina-o e o torna submisso. Mais do que mera submissão física, é uma prática política que cria subjetividades. Movimenta, portanto, relações de poder. Essas subjetividades, por conseguinte, são criadas no fluxo da experiência do Opus Dei. Dinamizam-se práticas normalizadoras dentro dessa esfera específica de poder, mas que encontram expressão fora dela, ou seja, no mundo secular. Desse modo, é impossível traçar territorialmente o alcance das práticas disciplinares do Opus Dei, sendo que se estendem para os mais diversos contextos do mundo secular.

Trata-se, portanto, de discutir o processo de criação de subjetividades a partir das práticas disciplinares de mortificação. Para entender a criação de sujeitos e subjetividades por meio das práticas de mortificação, articulo conceitos e ideias de Foucault. Importante ressaltar que, apesar da posição

central que ocupam, essas práticas não estão sozinhas, mas ligadas a uma rede de dispositivos diversos que tendem para a normalização e subjetivação. O objetivo, portanto, é problematizar as práticas de mortificação corporal do Opus Dei. Através da análise de narrativas, livros e documentos internos da instituição, demonstrarei como essas práticas disciplinares de poder, através da submissão dos corpos, surgem como legítimos processos de criação de sujeitos e subjetividades. Desse modo, parto da hipótese de que as práticas disciplinares de mortificação ocupam um lugar central na criação desses sujeitos por meio da articulação das experiências afetivas (SAADA, 1977; 2005) do sofrimento e da culpa. Esses sujeitos são construídos através desses processos de submissão política do corpo que são as práticas de mortificação. Com efeito, dividi esse trabalho em três partes. A primeira diz respeito às diretrizes institucionais a respeito da mortificação corporal e que, por sua vez, relacionam-se a práticas e ações por parte dos sujeitos. A segunda trata dessas práticas sendo articuladas em um contexto específico: o Centro do Opus Dei onde realizo a pesquisa de campo, desde 2011. Na terceira parte, procuro explorar narrativas de ex-membros do Opus Dei sobre suas mortificações individuais. Procuro analisar, sobretudo, materiais de conteúdo empírico reunidos durante a pesquisa.

## 1. A MORTIFICAÇÃO CORPORAL COMO PRECEITO DA VIDA CRISTÃ

A mortificação corporal, tal como compreendida pelo Opus Dei, tem como fim último a identificação com o sofrimento redentor de Cristo no Calvário. A crucifixão metaforiza, antes de tudo, a remissão dos pecados de todos os homens perante Deus. Desse modo, mobilizam-se sentimentos e experiências afetivas que envolvem culpa e sofrimento redentor. O Opus Dei compreende que Deus, em sua infinita bondade, criou o mundo como um lugar bom, para que o homem o transformasse com o seu trabalho. Com o pecado original de Adão e Eva, o mundo foi deturpado. Desse modo, a mensagem do Opus Dei é que cada pessoa busque a santidade no meio do mundo e, dessa forma, santifique o mundo a partir do seu trabalho e da sua atividade cotidiana. Só assim o homem pode reconciliar-se com Deus e devolver o mundo a Ele. Através do seu trabalho, santificado e santificador, é que o homem pode tomar parte no projeto redentor de Cristo. Com efeito, para santificar a si mesmo, o homem precisa “matar a carne” através da mortificação corporal, como forma de negar os instintos, paixões e desejos do corpo e tornar-se instrumento perfeito de Deus.

É sabido que na Idade Média, as práticas de mortificação corporal eram mobilizadas pelas ordens religiosas como forma de buscar a santidade. Essas práticas, com efeito, criavam novas sensibilidades, tais como os sentimentos de culpa, penitência e a necessidade da purificação de si. Com o Opus Dei, as práticas de mortificação corporal ganham uma nova formulação. Em *Guiones Doctrinales la Actualidad*, n.º 15, (in: Opuslibros), que é um conjunto de documentos internos do Opus Dei, exorta-se a necessidade de recordar a divina chamada à penitência. É necessário participar do sofrimento de Cristo para redimir os pecados do mundo. Trata-se da plena identificação com o Cristo crucificado. O documento cita a epístola de Gálatas (Gal. II, 19-20): “(...) estou pregado à cruz de Cristo. Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim”. Com efeito, enuncia-se a necessidade de morrer corporalmente, morrer para as paixões e para o mundo, para ser instrumento perfeito de Deus no meio do mundo. Diferentemente das ordens religiosas, o Opus Dei recupera a mortificação corporal orientando a santificação no meio do mundo, ao invés da fuga dele. Segundo os *Guiones*, os homens devem trazer sempre, em seus corpos, a mortificação de Jesus, a fim de que Ele se manifeste também em seus corpos (II Cor., 4, 10). Seguindo ainda em Gálatas (Gal., 5, 22-23), os frutos da mortificação da carne são a caridade, a alegria, a paz, a paciência, a afabilidade, a bondade, a fidelidade, a brandura,

a temperança. “Pois os que são de Jesus Cristo crucificaram a carne, com as paixões e concupiscências” (Gal., 5, 24).

Ao apontar para a recordação da prática da penitência e da mortificação, os *Guiones* não se limitam meramente a um discurso abstrato sobre o pecado original de Adão e Eva. Pelo contrário, descrevem ambientes e contextos práticos que requerem a santificação. Com efeito, só pode santificar o mundo quem santifica a si mesmo. Diz o primeiro parágrafo:

“1. En el ámbito moral está causando grave daño a las almas – con claras repercusiones también de orden social – un creciente paganismo en las costumbres, que rechaza toda norma y los principios más elementales de la ascética cristiana. Junto a factores de carácter práctico – reliquias del pecado original, desorden de las pasiones, afán de lucro, etc. – coinciden en este punto diversas teorías e ideologías, parcialmente contrarias entre sí: el naturalismo libertino, el iluminismo, la moral autónoma (con su rechazo de la moral y de la norma heterónoma), el positivismo cientifista, el materialismo marxista, el pragmatismo, corrientes freudianas, etc., a las que se añaden un extraño renacer de los viejos errores quietistas (cfr. Dz. 1261-1283), a la sombra de un cierto pneumatismo carismático contrario a cualquier ley, y una pervivencia del pesimismo luterano (naturaleza insanablemente corrompida, pérdida del libre arbitrio, etc.)”. (*Guiones Doctrinales la Actualidad*, n.º 15, in: Opuslibros).

Segundo o documento, esse ambiente prático e essas doutrinas estão influenciando os fiéis, padres e religiosos a dizer que o antigo ideal de conduta ascética está superado e que a moral cristã deve ser reformulada à luz da sociologia e da psicologia.

“2. Este ambiente práctico y esas doctrinas están influyendo también entre los fieles, y ha llevado ya a algunos – entre ellos, sacerdotes y religiosos – a afirmar que el antiguo ideal de conducta ascética está irreversiblemente superado, que la moral cristiana debe ser reformada a la luz de la psicología de lo profundo y de la sociología; que el elemento ascético era extraño al Cristianismo primitivo, y tiene un origen gnóstico o maniqueo; que hay que acabar con una moral represiva, fuente de desequilibrios neuróticos, que con sus mitos y tabús oscurantistas (pecado original, infierno, purgatorio, carácter sacrificial y reparador de la Pasión y Muerte de Jesucristo, justicia divina, etc.) ya definitivamente desenmascarados por la ciencia moderna, se opone al desarrollo armónico y natural del hombre”. (*Guiones Doctrinales la Actualidad*, n.º 15, in: Opuslibros).

Por conseguinte, é necessário recordar à chamada divina à penitência e à mortificação, como forma de compartilhar do sofrimento redentor de Cristo e, desse modo, estar apto a santificar a si mesmo e ao mundo. Com efeito, o sentimento de culpa provocado pelas paixões e instintos do corpo podem ser aplacados pelo sofrimento voluntário. O sofrimento é bom, como afirmou incansavelmente Josemaria Escrivá.

## **2. A MORTIFICAÇÃO COMO PRÁTICA**

As práticas de mortificação corporal são experimentadas cotidianamente pelas pessoas do Opus Dei e, também, pelos frequentadores dos Centros. Com efeito, essas práticas se articulam e

rearticulam o tempo todo, de acordo com o contexto no qual são operacionalizadas. Durante a pesquisa de campo, percebi que o incentivo às práticas de mortificação era comum no Centro do Opus Dei que eu frequentava. Operacionalizava-se a categoria “mortificação” tanto em termos abstratos, genéricos, quanto em termos práticos. Embora já tivesse ouvido falar muitas vezes sobre esse tema, a primeira sistematização que presenciei foi durante uma meditação<sup>i</sup>, cujo tema era, justamente, a mortificação. O padre referiu-se à mortificação como forma de controlar os instintos e dominar o corpo. Com efeito, deixa-se pra trás o homem velho, que só segue os instintos, paixões e vícios e vai lapidando-se o homem novo, uma vez que a mortificação vai valorizando as virtudes humanas e desenvolvendo-as. Usou uma metáfora interessante que dizia que temos dois cachorros dentro de nós: os vícios e as virtudes. Devemos alimentar as virtudes e deixar morrer de fome o cachorro dos vícios, e isso só se faz com a mortificação.

Algumas semanas depois, assisti a um Círculo de São Rafael<sup>ii</sup> especificamente sobre o tema da mortificação. A palestra começou com a seguinte ideia: “para Deus toda a glória, quanto a nós, procuremos as humilhações. Tudo por amor a Deus. Desse modo, podemos ir matando, aos poucos, nosso ego”. A ideia central dessa palestra era que, por meio da mortificação, podemos reduzir as paixões que o demônio e o mundo fomentam, que são paixões humanas. Uma alma que busca a santidade deve buscar mortificar o corpo. Por conseguinte, a mortificação configura-se como a oração dos sentidos. Deve-se morrer para si mesmo (“deixar morrer o homem velho”, como dizia o palestrante no Círculo) para deixar Cristo nascer em nós. As almas mortificadas identificam-se com Cristo, com efeito, oferecem os sofrimentos cotidianos a Deus, por amor. A palestra seguiu orientando a cada um que pensasse em uma lista de, mais ou menos, cinco mortificações voluntárias, tais como banhos frios diários, comer menos o que gosta e mais o que não gosta, sorrir sempre, calar-se, ser pontual, deixar de tomar água durante as refeições. A mortificação, por suposto, deve ser uma luta alegre e individual que só Deus vê. O palestrante falava-nos para não ser como os fariseus, que gostavam de ser vistos durante suas penitências e jejuns. Em conclusão, a ideia da mortificação é a co-redenção – ser participante no sofrimento redentor de Cristo.

Depois de assistir à meditação e ao Círculo, percebi que o tema da mortificação não era tão tabu quanto eu imaginara de início. Resolvi, então, conversar com o padre sobre isso. Ele explicou-me o sentido da mortificação e disse que é sempre bom pensar uma lista de mortificações para ir disciplinando o corpo e negando os próprios gostos. Falou-me que, quanto aos numerários, tem uma lista de mortificações mais intensa, de acordo com os votos que fizeram. As mortificações dos numerários variam de acordo com o temperamento de cada um, mas algumas são padronizadas. São elas o uso do cilício, o chuveiro frio, as disciplinas, o minuto heroico, dormir no chão, sorrir sempre. O cilício é uma espécie de cinto metálico, semelhante a uma corrente, com pontas salientes. É usado diariamente na parte superior da coxa por duas horas, exceto aos domingos e dias santos. Essa é uma das formas de mortificação que mais tem provocado polêmica. Antônio Carlos Brolezzi (2006), em *Memórias sexuais do Opus Dei*, conta que usava o cilício e sentava-se em uma cadeira de madeira como forma de intensificar a dor provocada pelo instrumento. O chuveiro frio é uma mortificação diária, independentemente da estação do ano. A disciplina é um instrumento semelhante a um chicote de corda trançada e possui várias pontas. É confeccionada com barbante grosso. Usa-se a disciplina uma vez por semana nas nádegas nuas, nunca nas costas, pois pode causar lesões nos pulmões ou nas costelas. Enquanto faz o uso das disciplinas, a pessoa recita uma oração de sua escolha. O minuto heroico consiste na luta contra a preguiça. Quando se precisa começar alguma coisa, ou mesmo levantar-se da cama, não se deve alimentar a preguiça. Os numerários dormem no chão uma vez por

semana. Quanto a sorrir, em *Caminho*, Josemaria Escrivá (1999) orienta a prática de sorrir sempre e ser afável, mesmo quando isso rejeita seu estado de espírito. Enfim, trata-se de buscar a alegria na dor e no sofrimento.

### 3. EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS

Todos os ex-numerários do Opus Dei que entrevistei ou a que tive acesso aos depoimentos em livros, relataram que assim que entraram para o Opus Dei, como numerários<sup>iii</sup> adjuntos, receberam o cilício e as disciplinas, além de instruções sobre as outras mortificações que se convém realizar no Opus Dei. As mortificações corporais, entendidas como práticas disciplinares, vão criando experiências afetivas, sujeitos e subjetividades. Com efeito, não se trata somente de uma corporalidade específica, mas de uma configuração de sentimentos e experiências que vão criando sujeitos. Brolezzi (2006, p. 30-31) ilustra esse ponto:

“Nunca fui masoquista. Comecei, porém, a usar o cilício e as disciplinas, bem como a praticar uma infinidade de outras mortificações do plano de vida do numerário padrão, movido pela paixão, pelo amor. Amor a Deus, a quem me entregava como um cordeiro ao matadouro. (...). Passei a ser dois – o que queria pecar e o que chicoteava quem queria pecar. Esse contato com um horror mórbido e violento não me fez nada bem, como seria de esperar”.

A narrativa de Brolezzi deixa claro que ser pego no fluxo da experiência do Opus Dei configura sentimentos e experiências afetivas. Aqui, o amor a Deus aparece como sentimento proeminente, cuja intensidade está relacionada com as práticas de mortificação corporal. É tudo por amor a Deus. Com efeito, as práticas disciplinares vão abrindo novas portas afetivas e criando sujeitos, apontando sempre para a experiência íntima e sentimental do amor de Deus, da conexão com Ele, da vontade e alegria de redimir-se do pecado por meio do sofrimento e da dor. Na passagem extraída de Brolezzi, podemos perceber um voltar-se a si, o que cria essa cisão descrita por ele: o homem que quer pecar e o homem que chicoteia o que quer pecar. Esse olhar para si surge como tecnologia de poder e orienta práticas disciplinares como forma de criar sujeitos do Opus Dei.

Marie Claire (“*La historia amarga de una numeraria del Opus Dei*” in: Opuslibros) relata sua experiência com o cilício. Sua diretora espiritual, enquanto lhe ensinava a usar o cilício, teria dito que a intensidade do aperto do instrumento dependeria da “generosidade” de cada pessoa. O normal seria apertá-lo bem, por seu uma mortificação corporal. Diz Marie Claire:

“A partir de então me deram meu cilício, que eu usava duas horas por dia. Um dia em uma perna, o seguinte na outra. Quando o tirava, notava como as pontas iam arrancando-se da carne, deixando-me a marca de pequenas feridas sangrentas, uma por cada ponta. No dia seguinte, usava o cilício na outra coxa e, assim, deixava um dia e meio para que cicatrizasse”. (Tradução livre). (“*La historia amarga de una numeraria del Opus Dei*” in: Opuslibros).

O sofrimento é constante na experiência do Opus Dei. Ainda, seguindo o relato de Brolezzi (2006, p. 94), surge outro trecho que ilustra a forma como o sofrimento e a mortificação corporal são articulados contextualmente:

“A via-sacra no retiro era muito lancinante. Ficávamos de joelhos enquanto alguém lia o texto do fundador que descrevia o massacre de Cristo. Este deve ter sido o relato que inspirou Mel Gibson para fazer seu filme tão sanguinolento *A paixão de Cristo*. A ideia era refletir sobre as dores de um Cristo trucidado. Mas não precisava de muita imaginação para ver homens reais sendo destruídos. Bastava olhar em volta daquelas dezenas de numerários se ajoelhando e se erguendo, girando alguns graus em direção à próxima estação da via-sacra fixa na parede do oratório, para depois se ajoelhar e continuar o ritual”.

Entendo, pensando com Turner (1973), a via-sacra como um ritual que possui uma sequência estereotipada de atos que envolvem gestos, palavras e objetos. É um ritual desempenhado em um lugar “separado”, o oratório, e espera-se dele algum efeito que, efetivamente, não é imediato. É interessante refletir, aqui, sobre esse ritual, uma vez que é composto por atos e por uma corporalidade que visam, justamente, a dor e a mortificação. Diria que o efeito mais geral buscado por esse ritual é a perfeita comunhão com Deus através do sofrimento e da dor. Com efeito, é extremamente performatizado e exige uma disciplina corporal específica. Aqui, mobilizam-se sofrimento corporal, sentimentos e experiências afetivas. Além disso, o sofrimento é articulado em palavras com a recitação do livro *Via-sacra*, de Josemaria Escrivá (1981). De fato, o martírio de Cristo é descrito em minúcias. Trata-se, não só de experimentar a dor e o sofrimento corporalmente, mas assimilar esses sentimentos subjetiva e psicologicamente, por meio da criação de imagens. Aqui, ritual e práticas corporais conectam-se para criar imagens, sujeitos e orientar condutas. O ritual da via-sacra é, antes de tudo, a descrição da tortura e morte de Cristo na cruz. Observando o relato de Brolezzi, percebemos que a dor e o sofrimento não são somente articulados em práticas individuais de mortificação, mas são, também, organizadas em atos rituais. A dor configura-se como ato ritual. A forma que a via-sacra ganha com o *Opus Dei*, por conseguinte, pode ser pensada como extensão metafórica das práticas de mortificação, dor e sofrimento.

A mortificação e a enunciação do sofrimento, no entanto, não ficam restritas às práticas dos numerários. Marília, cujo depoimento consta em *O Opus Dei e as mulheres* de Viviane Lovatti Ferreira (2006), comenta sobre a articulação da ideia de sofrimento por parte de seu irmão e sua cunhada, que são supernumerários. Os supernumerários são membros do *Opus Dei* que teriam sido chamados por Deus a uma vocação diferente: a família. Esses membros frequentam os Centros do *Opus Dei*, ajudam financeiramente e são orientados por membros numerários. Marília relata, falando sobre a família do irmão supernumerário:

“(…) a ideia de que viemos ao mundo para sofrer é uma constante na educação dos meus sobrinhos. Certa vez, minha cunhada me disse que fez os filhos assistirem diversas vezes ao filme *A paixão de Cristo*, de Mel Gibson. Segundo ela, eles devem saber que Jesus morreu por causa dos nossos pecados e, por isso, temos que nos sentir culpados sempre. (...)” (FERREIRA, 2006, p. 172).

A articulação do sentimento de culpa e o alívio provocado pela dor e pelo sofrimento são patentes nos sujeitos criados pelo *Opus Dei*. Claro está que o sofrimento e a dor não são ruins, mas bons. Devem ser encarados com alegria. Não raro, os numerários recitam o versículo de Marcos (Marcos, 8, 34), no qual Jesus diz: “se alguém me quer seguir, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”. Essa passagem é emblemática e o uso que o *Opus Dei* faz dela é sofisticado. O caminho da

santificação está nos pequenos sofrimentos diários, os quais as pessoas devem amar e oferecer a Deus. Esses pequenos sofrimentos, no entanto, não podem ser considerados mortificações, uma vez que a mortificação é o sofrimento voluntário. Desse modo, culpa e mortificação andam juntas. Se a via-sacra é um ritual de mortificação corporal, a Santa Missa (pelo menos uma boa parte dela) é composta por atos rituais dedicados ao reconhecimento das próprias culpas e pedidos de perdão a Deus. Enuncia o sacerdote: “reconheçamos as nossas culpas...”.

Cada frequentador dos Centros e cada numerário vive de forma particular suas mortificações e sofrimentos diários. Ao mesmo tempo, por meio do exame de consciência, cada um reconhece as próprias culpas. Certamente, a intensidade do sentimento de culpa varia de acordo com o grau de envolvimento do indivíduo em uma série de contextos. Importante ressaltar que a mortificação não é utilizada para se purificar de culpas por pecados pontuais, tais como fornicação ou masturbação. Isso deve ser confessado ao padre tão logo aconteça. A mortificação relaciona-se, do meu ponto de vista, com um contexto mais geral de culpa. Trata-se de uma culpa permanente relacionada com o pecado original. É um sentimento perene que deve estar aceso o tempo todo. Com efeito, assim como Cristo sofreu para salvar os homens dos seus pecados, também devemos sofrer e, desse modo, compartilhar do sofrimento redentor de Cristo para salvar os homens.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas apresentadas aqui são, com efeito, muito particulares. Dizem respeito a interpretações individuais, sentimentos e experiências afetivas, mas que, ao mesmo tempo, estão conectados a processos e experiências mais amplas. Esses relatos informam-nos sobre a criação de sujeitos e subjetividades no fluxo de uma experiência social compartilhada: o Opus Dei. Se a mortificação corporal é uma prática disciplinar enunciada por discursos de culpa e sofrimento, as narrativas evocam subjetividades e interpretações individuais sobre esse processo. Demonstra estratégias de criação de sujeitos por meio de relações de poder estabelecidas. O discurso da culpa e do sofrimento de Cristo provoca, com efeito, um conjunto de experiências afetivas. No entanto, esses sentimentos não são encarados pelo Opus Dei como negativos. A dor e o sofrimento são bons aos olhos de Deus, pois representam arrependimento dos pecados, assim como a culpa e a vergonha são indicativos de condutas que desagradam a Ele. De modo geral, podemos entender a mortificação corporal no Opus Dei por uma via positiva. Deve-se voltar o olhar para si mesmo, reconhecer as próprias culpas e mortificar-se. A mortificação é, antes de tudo, prática ascética. Voltar-se a si mesmo não implica no esquecimento do mundo. Pelo contrário, o mundo deve ser terreno de busca da santidade e de mortificação por meio das pequenas cruces cotidianas. A culpa e o sofrimento, portanto, podem ser entendidos como tecnologias de poder que, por meio da mortificação corporal, criam corpos, sujeitos e subjetividades. Interessante ressaltar que, mais do que recolher-se do mundo, a mortificação, com o Opus Dei, passa a ser uma prática no meio do mundo secular.

#### **Bibliografia:**

*Bíblia Sagrada*. (2003). 156.<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Ave-Maria.

BROLEZZI, Antonio Carlos. (2006). *Memórias sexuais no Opus Dei*. São Paulo: Panda Books.

ESCRIVÁ, Josemaría. (1981). *Via-sacra*. 4.<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Quadrante.

\_\_\_\_\_. (1999). *Caminho*. 9.<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Quadrante.

- FAVRET-SAADA, Jeanne. (1977). *Les mots, la mort, les sorts*. Paris: Gallimard.
- \_\_\_\_\_. (2005). “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. Tradução de Paula Siqueira. *Cadernos de Campo*, n.º. 13, p. 155-161.
- \_\_\_\_\_. (2009). *Désorcèler*. Paris: l’Olivier.
- FERREIRA, Dario Fortes; LAUAND, Jean; SILVA, Marcio Fernandes. (2005). *Opus Dei: os bastidores*. Campinas: Verus.
- FERREIRA, Viviane Lovatti. (2006). *O Opus Dei e as mulheres*. São Paulo: Panda Books.
- FOUCAULT, Michel. (2004). *Vigiar e punir*. 29ª. Ed. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (2005). *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. 8ª. Ed. São Paulo: Graal.
- \_\_\_\_\_. (2006a). *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (2006b). *Ditos e escritos: estratégia poder-saber*. Vol. 4. São Paulo: Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_. (2007) *Microfísica do poder*. 24ª. Ed. Rio de Janeiro: Graal.
- \_\_\_\_\_. (2008). *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Opuslibros*. Recuperado em 13 de agosto de 2013, de <http://www.opuslibros.org/>
- TURNER, Victor. (1973). “Symbols in Africa Ritual”. *Science, New Series*, Vol. 179, No. 4078, pp. 1100-1105.

---

<sup>i</sup> As meditações são muito semelhantes a homilias, ao sermão do padre em dado momento da missa, mas são reduzidas a isso. Limitam-se à meia hora e ocorrem no oratório dos Centros. São tratados assuntos espirituais diversos, tais como virtudes, eucaristia, missa, páscoa, etc.

<sup>ii</sup> Os Círculos de São Rafael têm o formato de uma aula de doutrina católica para poucas pessoas. As aulas são ministradas por um membro numerário do Opus Dei. Os temas tratados nos Círculos foram sistematizados pelo próprio Josemaria Escrivá.

<sup>iii</sup> Os *numerários* são membros leigos, celibatários, que moram e administram os Centros e que, além de se dedicarem ao Opus Dei, têm empregos comuns. Existem padres entre os *numerários*, mas são poucos, e sua função é administrar os sacramentos (principalmente a Eucaristia e a Confissão) nos Centros.